

*SEM TI, A VIDA
NÃO FAZ SENTIDO*

RICARDO GIACOPINI

FICHA TÉCNICA

© GIACOPINI

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação vigente.



© RICARDO GIACOPINI

SEM TI, A VIDA NÃO FAZ SENTIDO

Publicado por Bookmundo.pt

1ª Edição em português

Data de Publicação: fevereiro de 2022

Capa: Canvas/Pexels

ISBN: 9 789 403 642 789

Edição/Revisão: RICARDO GIACOPINI



GIACOPINI

ricardogiacopini.home.blog

Para ti,

NOTA DE AUTOR

CARO LEITOR, antes de começar a ler o meu trabalho: quero dizer que sou apenas um aspirante a escritor. Não sou profissional e está é a minha primeira publicação. Portanto, entenda que pode haver alguns erros ortográficos durante a leitura. Este trabalho foi escrito, editado e revisto por mim. Se houver alguma anomalia, por favor avisem-me... considerarei como uma crítica construtiva.

Espero que gostem,

GIACOPINI

A CARTA



PARA O MEU PRIMEIRO AMOR, o meu primeiro beijo e desgosto...

Meu Querido Jim,

Não é fácil para mim, escrever-te ao fim destes anos todos. Tanta coisa sucedeu, a vida prosseguiu, mas eu... bem... eu sinto a tua falta, meu amor. Esta saudade que não diminui, um sentimento tão poderoso, consegue fazer com que o meu interior se quebre sozinho, e sem esperança de o voltar a unir.

Sei que, nunca poderás ler esta carta. A vida continua. Sei que isso é difícil, mas quero acreditar nas tuas palavras quando me dizias ser forte. Preciso acreditar nisso para manter-me à superfície. Digo isto, porque ainda consigo ouvir a tua voz nos meus sonhos. Só não sei se és realmente tu. Quase consigo sentir-te ao meu lado enquanto escrevo esta carta, e na minha imaginação, continuas a libertar um sorriso e a proteger-me. Ainda assim, estás tão longe, mas por alguma razão consigo sentir-te. Fecho os olhos e não ajuda, continuo a ver-te. É como se a tua fragrância nunca tivesse desaparecido, impossível de ignorar; envolve-se no ar circundante.

Acho que no fundo, sempre soube a verdade. Mas não queria pensar no assunto, pois sabia que tu não tinhas culpa. Quero dizer, ninguém consegue fugir do destino. Não estava pronta para enfrentar a vida sozinha. Sem saber o que fazer, decidi tomar a providência de escrever-te uma última vez.

É claro que nada mudará, mas apenas, sentirei um alívio na alma por fazê-lo.

Ainda me recordo dos nossos beijos, quando o tempo parava e não conseguia ouvir mais nada para além do som da tua dócil voz no meu ouvido — uma autêntica melodia. Eu espero que estejas bem no além, ou, quer o que seja que haja para lá da vida. Eu amo-te Jim. Eu realmente amo-te. Por vezes, perco-me em sonhos e revivo os nossos momentos. Até quando corria para os teus braços e sentia-me segura do mundo, da crueldade e das minhas próprias inseguranças. Tenho medo de os perder e esquecer-me de ti, mas de todos, o mais marcante foi o nosso reencontro, quando me deparei com o teu sorriso luminoso — igual os calorosos raios solares ao penetrarem no meu interior e aquecendo o meu coração. Fizeste-me de mim uma mulher feliz, uma mulher concretizada. Sinto-me sortuda de poder dizer que te amei, ou amo.

Eu podia tentar descrever, mas perco-me no grande oceano dos teus olhos; perco-me nas palavras... o quente dos teus lábios era difícil de resistir e mesmo que no passado tenhas sofrido, prometi-te amar eternamente, até as tuas imperfeições. Foi aí que percebi ter entrado no teu mundo, desativado todas as barreiras e fomos felizes. Fico espantada a observar-te, ou é só o mecanismo que a minha mente encontrou para não sofrer com a tua perda? Tu és tão belo, penso, enquanto te observo uma última vez — visão essa que parece não conseguir encontrar em mais ninguém... és único e perfeito... um anjo que desceu dos céus e veio salvar-me dos pecados.

Continuo a parar na estrada percorrida em Verona, no dia que os nossos corpos voltaram a unir-se. Olhar para o rio, faz-me pensar que já partilhámos o mesmo caminho do destino e mesmo de curta duração, amo-te. Tentei proteger-te das friezas do mundo... éramos o porto seguro um do outro; duas almas que se aqueciam e dois corações que dançavam na chuva... eu devia ter-te prometido o mundo, protegido ou talvez, impedido de entrares no avião.

A verdade é que continuo a amar-te Jim Green. Amo a maneira como recordo do teu sorriso, o brilho dos teus olhos e o toque da tua pele. Amo pensar na maneira como costumavas estar perto de mim enquanto dávamos as mãos nas nossas últimas noites quentes do verão italiano —

sentia-me estar sozinha contigo, mesmo envolvidos numa multidão, — o mundo era nosso.

Gosto de pensar em como os teus olhos brilhavam sempre quando o nosso olhar cruzava-se, — lançavas aquele sorriso tímido, mas apaixonante que só tu conseguias fazer. Também gosto de pensar em como o nosso amor surgiu e mesmo sem durar muito tempo, acredito que, em breve, voltarei a encontrar-me contigo do outro lado. Passarei o horizonte, caminharei montanhas, mas ver-te novamente à minha espera, valerá a pena o sacrifício.

O desejo de voltar a ver o brilho nos teus olhos é a única coisa que tento recordar ao respirar fundo e fechar os olhos; quero trazer-te para perto de mim e sussurrar ao teu ouvido: sem ti, a vida parece não fazer sentido. Tento recuar no tempo e agarrar-te para não voltar a perder-te. Não imaginas o meu sofrimento, mas quero acreditar que estás feliz. O mundo precisa de recordar o teu sorriso genuíno.

Sinto-me a afundar e o meu cérebro a implorar por oxigénio. Diariamente, sinto um aperto, a garganta fecha-se, enquanto os nevoeiros das nossas diferenças temporais começam a dissipar-se e a alastrar uma barreira entre nós e é quando percebo que necessito de ti para viver. Estou assoberbada, como se algo de errado estivesse prestes a acontecer. Talvez sejam só ataques de pânico, mas a sensação é de estar-me a afogar e não há ninguém ao redor para me salvar. Tento gritar, mas, penso ser eu o problema. Eu não sou ninguém... não sou ninguém desde que foste. Sou uma célula, uma bactéria, um vírus desenhado para destruir tudo que toca. Estou cansada. Será a vida apenas dor? Acordar todos os dias de manhã e permanecer em constante desespero e sofrimento? Sinto-me estar prestes a enlouquecer..., contudo, finalmente decidi não valer a pena continuar a evitar o fim.

Receio não ter a coragem necessária para retirar a minha própria vida. A minha força desvanece, assim como a tua vida foi retirada de mim à força. Estávamos no melhor momento das nossas vidas, tínhamos o casamento em pendente, e Deus foi aquele que achou precisar mais de ti.

Mas como? Como poderia ele pensar isso, se eras o meu farol... o meu caminho para a salvação?

Assim, despeço-me desta vida ingrata. De uma vida em que a felicidade parece não existir. São os nossos momentos que me fazem viver novamente, mas até esses estão a desaparecer e faz-me acreditar que talvez tudo não tenha passado de um sonho. Será? Terá nada disto ter acontecido?

É nisto que penso em frente ao espelho e escrevo-te, recordando todos os nossos momentos uma última vez. Até o último suspiro levar-me de regresso para os teus braços e poder desfrutar do brilho dos teus olhos, iguais aos diamantes retirados da terra e polidos pela primeira vez.

Até um dia, vida injusta e não tenha remorso de ver-me partir. Vou feliz!

PS: amo-te Jim, eternamente.

Paola Giuliani

PRÓLOGO



2021/2007

SERÁ POSSÍVEL amarmos só uma pessoa para o resto da nossa vida? Ou será só uma ilusão, um momento precário e no final, um novo amor surgirá inesperadamente? Talvez a forma correta seja não pensar muito no assunto. Contudo, é engraçado analisar: há mais de sete bilhões de pessoas no mundo e há alguém perdido, à nossa espera. O difícil é não saber quando, aonde ou quanto. No entanto, se acontecer, como poderei saber se é a pessoa certa?

Quero acreditar que seja no sorriso. Digo isto porque quando o Jim sorria, parecia que o mundo sorria também. Era o calor do seu sorriso que me confortava, e não o conseguia deixar de amar. Foi ele que me conduziu a encontrar esperança nos meus olhos. Há quem já tenha encontrado essa pessoa, outros ainda estão na jornada e por tristeza minha, uns encontraram e perderam. A verdade é que não se conhece ninguém por acidente, todos têm um papel importante na nossa história.

Houve um tempo na minha vida em que eu pensava que realmente sabia a resposta: significava que por mais que amasse o Jim, teria do saber libertar das amarras do nosso passado, para ele poder aceitar o seu presente e talvez, um dia, conseguir viver um futuro. Normalmente, as pessoas ficam confusas com a minha lógica, sempre que falo sobre o assunto. Não que deva explicar, mas também ninguém está realmente interessado em ouvir os nossos desgostos. A verdade é que cheguei a um ponto da vida onde o amei tanto, que deixei-me ofuscar na sua própria sombra. Deixei-

me levar pela corrente. Cheguei mesmo a acreditar que iríamos ficar juntos. Não teria sido preciso muito. A chave para a felicidade é saber sonhar, mas com os pés bem assentes na terra. O problema é que eu, voei demasiado alto... e hoje apercebo-me que a minha queda poderia ter sido evitada.

Não é tão impossível, certo? Sonhar alto quando amamos alguém? Pensar que o mundo rege aos nossos pés, somos o centro do universo... isso era o que pensava também. Enquanto uma parte de mim ainda quer acreditar ser possível, sei que não acontecerá. As nossas vidas já não se voltarão a cruzar novamente. Por enquanto, no entanto, sentarei na colina mais alta da herdade e continuarei a contar-lhe as mais belas lembranças que tenho do nosso romance. Sei que não o vejo, mas é uma sensação de alívio sempre que o faço. Quase como se ele estivesse realmente presente, do meu lado a consolar-me, a abraçar-me e a beijar-me. Assim como concretizava quando estávamos os dois — juntos por só mais uns minutos até a realidade voltar a quebrar a magia do nosso amor.

Temos um grave problema: deixar escapar boas oportunidades para sermos felizes. Talvez seja pelo medo de avançar, de errar ou sermos rejeitados. Quem gosta da rejeição? Vive-se num mundo onde a opinião alheia é mais importante que a nossa. Tentamos adivinhar o certo do errado, ou o que possa evitar um fátatório; bem sabemos como as pessoas podem, por vezes, ser bastante cruéis. Depois só damos valor aos acontecimentos quando já não há forma de retorcer. Não imaginam o que poderia realizar para o ter, nem que fosse por apenas mais um segundo, do meu lado.

Às vezes, acordo tão desamparada, que o observo a sorrir para mim do outro lado da divisão. Sei que não é real, isso porque tive de regressar ao Canadá, visitá-lo uma última vez para relembrar que já não fazia mais parte da minha vida. Foi uma necessidade, porque os sentimentos deixavam-me louca, quase como de arrependimento de tê-lo deixado ir até descobrir toda a verdade.

Mas disto estou certa: *Jim Green foi e será o grande amor da minha vida*. Uma parte de mim dói só com o pensamento e ainda assim tão intocável, mas as nossas vidas não foram feitas para um amor tão desejável, mas tão problemático. Não foi fácil para mim, aceitar essa simples e dolorosa verdade, porque houve um tempo em que a nossa história foi a mesma, porém, isso foi há mais de catorze anos. Nenhuma lembrança será eterna por mais que queiramos guardar memórias, mas aprendi que com o tempo, torna-se difuso, desvanecido. Sei haver momentos únicos, mais quentes, e outros mais distantes e frios. Éramos pessoas diferentes. Tentava ser as estrelas no céu, e já ele, era o espaço entre elas. Um atormento, devo dizer, tentar que nos amem..., mas posso dizer que valeu a pena. Claro que compreendo o porquê, mesmo assim, nada impede que tenha sofrido quando e como tudo sucedeu. E com esse pensamento, brotam perguntas das quais: *por que fiz o que fiz? Eu faria de novo? Fui eu que encurtei o nosso tempo, juntos?*

No espaço ao meu redor, nas vinhas, as folhas começam a mudar lentamente de cor, avisam que a colheita é para breve. O sol inicia a sua despedida, ofuscando-se atrás das montanhas, e a lua surge e reflete-se nas poças de água. Os pássaros começam os seus cânticos e o ar está perfumado com o aroma das uvas. Conduza-me a recuar no tempo, viajar para uma nova realidade e numa época que parece nem ter acontecido.

Jim foi filho de um casal amigo do meu pai e de certa forma, fez parte da minha família. Torna-se difícil descrever a nossa relação, éramos dois miúdos quando eles emigraram para o outro lado do Oceano Atlântico, mas, antes de partirem, foi o meu melhor amigo. Também foi o meu vizinho, o que facilitou passar as tardes nas férias de verão em casa um do outro: a jogar videojogos, mergulhar na piscina ou em idas à praia. Infelizmente, a distância acabou por nos afastar. Crescemos e cada um seguiu a sua vida. A última vez que soube dele, formou-se em direito e estava prestes a iniciar o seu primeiro emprego numa empresa prestigiada na baixa da cidade de Toronto.

O meu pai, Carlos, continuou em contacto, com a família Green. Digamos que a ausência da minha mãe, Sofia, abalou-nos a todos e especialmente, a ele. Era ela que concretizava tudo em casa e tratava de todos nos, esquecendo-se muitas vezes de si própria. O meu pai continua a acreditar que o romance dos dois não terminou. Segue a visitá-la diariamente à mesma hora que fora enterrada a sete palmos abaixo da terra. Sei que pode parecer estranho, mas é verdade. O meu pai sempre diz estarem separados apenas por uma diferença temporal, e em breve, voltar-se-ão a encontrar. Como é possível alguém manter-se apaixonado de uma forma tão intensa que dure mais de vinte anos? Talvez tenha sido o romance dos meus pais a influenciar-me e acreditar no amor verdadeiro.

Tenho trinta anos e a única pessoa que amei verdadeiramente foi Jim Green. Pode parecer uma brincadeira, duas crianças na descoberta da sua sexualidade. É possível. E se disser que para mim, foi algo mais? O florescimento de um amor que percorreu meio mundo, durou uma vida e terminou inesperadamente.

Estávamos em meados de setembro de 2007, sozinhos no meu quarto — um dia antes da viagem dele para o Canadá —, e os nossos pais saíram para comprar o jantar. Após ouvir a porta fechar, foi quando olhei muito seriamente para Jim. Não havia muita distância entre nós. Senti necessidade urgente de prender a respiração. Ele espreguiçou-se, deu um longo suspiro e manteve o olhar fixo no teto do meu quarto, decorado com várias estrelas luzentes nas noites mais sombrias e foi nesse cenário, minimamente romântico em que ambos estávamos deitados na minha cama, a observar o céu fictício.

A noite pojava rapidamente e as nossas respirações aceleraram simultaneamente. Os meus olhos tornaram-se vidrados, porque no fundo, sentia um grande aperto no coração ao saber que seria o nosso último dia, juntos. Eu não queria mostrar fraqueza. Então, limpei as lágrimas que se criavam no canto do meu olho. Vista essa coberta por uma neblina de desconsolação, eu não queria perder a nossa ligação. Ele era

tudo o que tinha de bom naquele momento, a razão da minha felicidade e ainda hoje continua a ser, de certo modo.

Pela janela, o céu permanecia encoberto há uma semana e a chuva batia suavemente no vidro. Ao fundo, tocava uma sinfonia de Beethoven. Jim esfregou a ponta do nariz, disfarçadamente tapou os olhos e voltou a suspirar, desta vez num tom mais frustrado. Não tinha importância. Na verdade, não conseguia reunir energia suficiente para me importar nem mesmo depois de terminar de dizer: *vai correr tudo bem. É só um contratempo*. Era difícil sentir qualquer coisa após descobrir que o meu mundo estava prestes a ser varrido para debaixo do tapete. Não só era órfã de mãe, iria perder o meu melhor amigo. Eu não gostava de pensar nessa palavra «órfã», fazia-me diferenciar: o som, a emoção como era dita e completada com os olhares de pena, fazia-me sentir «inferior» aos restantes jovens da minha idade. Tentava ao máximo evitar contar essa parte da minha vida. Se o fizesse, a pessoa teria de ter alguma importância: não ser só um conhecido — haver uma ligação forte.

Jim tocou nas minhas coxas e quando se virou, consegui olhá-lo profundamente, quase como se tivesse atingido a sua alma, de tão profundo que a nossa troca de olhares tornou-se. Eu pensava que conseguiria ser forte, mas não estava bem. Nada daquilo fazia sentido para mim. Não compreendia o porquê de ele ter-se de afastar. Eles tinham uma vida em Portugal.

Encostei a mão no meu peito para pressionar a angústia e retê-la da minha mente. Eu sempre presenciei as meninas da escola a sofrerem por término de relacionamentos, mas nunca pensei poder-me sentir assim quando chegasse a minha vez. Aliás, éramos só melhores amigos.

Ele limpou a garganta e disse:

— Já beijaste alguém? — Ergueu o tronco com um movimento letárgico e pousou o rosto sobre a palma da sua mão e voltou a olhar para mim. Voltou a prender a respiração por alguns segundos e tentou, recompor-se. Notei pela sua expressão facial.

Eu não lidei muito bem com a pergunta, tinha apenas dezasseis anos. Não pensava nessas coisas. Via os filmes que retratavam os romances de adolescência, mas sempre me senti diferente. Além disso, ver-me a beijar alguém, não parecia fazer sentido. Ninguém nunca me olhou com esses olhos, e acabei por realizar o mesmo. Acabei por aceitar a minha assexualidade.

Quando ele voltou a afastar-se para criar espaço entre nós, apercebi-me dos olhos reluzentes ao reflexo do candeeiro, brilhantes e novamente, profundos, como o fundo do Oceano Atlântico — aquele que estava prestes a separar-nos. Vergava umas calças de sarja e uma camisa branca, já meio amassada com as mangas dobradas até aos cotovelos. As veias eram salientes, desenhavam linhas incertas entre todo o seu corpo... caminhos em direção ao seu coração. Aquele que sempre desejei conquistar. Sei serem só memórias, mas para mim, será o momento mais marcante entre nós os dois, porque acaba por ser a origem do nosso romance.

O rosto dele voltou a aproximar-se do meu, perto o suficiente para sentir a sua respiração no meu rosto e permaneceu assim, até receber uma resposta. Eu não sabia muito bem o que dizer, mas no fundo, a resposta era um simples sim, caso ele quisesse-me beijar. Só não sabia o porquê, não era sedutora, bonita ou atraente. Era apenas uma menina comum, sem grandes qualidades. Remava em alto mar, sem grande noção do caminho de regresso, perdida e no fundo, a espera de ser salva. A maré alta guiava-me sem destino, a ponderar se alguém poder-me-ia resgatar... mostrar valer a pena: obrigar-me a acreditar que a vida tinha um significado.

Sorri, um pouco desorientada. Levantei-me, ou pelo menos, tentei acompanhar os gestos de Jim e fui reprendida pela sua mão no meu peito. Entre acessos de tosse, eu respondi:

— Não, e tu?

Ele revirou os olhos. Já fiquei parada, observando a sua reação.

— Claro. Mas, quero pedir-te um favor.

Acenei com a cabeça, ainda hipnotizada pelo seu olhar. Uma rápida inspeção confirmou que não havia nenhuma razão pela qual Jim quisesse-me beijar. Desfez toda a minha excitação.

— Tens de prometer que não comentas com ninguém. — Ele voltou a salientar.

Senti-me pequena ao seu lado.

— Sim, claro. Sabes que podes confiar em mim. — Afirmei e mostrei o dedo mindinho, forma de consolidar a promessa.

Na minha mente, eu conseguia imaginá-lo a beijar as meninas mais populares da escola, todas queriam namorar ou ter alguma coisa com ele. Eu sabia o que muitos faziam entre intervalos na sala de arrumações das empregadas. Ainda assim, nunca tive impavidez de comentar. Ele era um rapaz bastante atraente e um típico capitão da equipa de natação: o seu torso trabalho e as suas costas, igualmente definidas. Sempre me convidou para o acompanhar em sessões de ginásio, mas nunca fora a minha «onda». Preferia tocar violoncelo, ignorar o mundo e libertar-me nas notas, nas cordas e em toda a vibração existencialista que acontecia ao meu corpo sempre que tocava. São vários os vícios que um jovem pode adquirir, e eu, usava a música para aliviar a minha psique, mas até essa, deixou de fazer efeito.

Os olhos dele mantiveram-se acesos durante grande parte da nossa conversa. Desconhecia quem pudesse ter uns olhos tão belos como os dele, porque eram uma mistura erradicada e invejava-o. Os meus são uma cor neutra, um castanho análogo, comum e sem significado.

— Quero experimentar uma coisa, mas tenho medo da tua reação... que te possas sentir mal ou ofendida.

— O que é? Estás a assustar-me.

— Não sei muito bem como dizer isto, — admitiu ele.

— Começa pelo princípio, de modo que possa compreender o que se passa.

— Gostava de beijar-te. — Ele desviou o olhar, receoso do que pudesse acontecer a seguir. O seu tom de voz era suave, doce e, ao mesmo tempo,

tremulo, quase como um suspiro prolongado, um segredo confiscado e guardado numa caixa em esquecimento.

Ele queria beijar-me, seria possível? Mas eu nunca beijei ninguém. O mundo moveu-se. A minha mente rodopiou, desesperada para encontrar uma resposta. Jim deve ter-se apercebido do pânico repentino no meu rosto, a preocupação surgiu igual a um comboio. De forma rápida e sem aviso, porque ele disse:

— Desculpa, ignora o meu comentário. Por favor! Eu não quero perder a nossa amizade. — Ele tentou-se afastar, ganhar tempo para retirar-se da conversa.

Fiquei feliz por ouvi-lo dizer aquilo.

— Eu gostava, — admiti sem pudor.

— Tens a certeza? Depois disto, não há volta a dar.

— O que faz-te querer beijar-me?

Ele franziu a sobrancelha.

— Não sei, apenas é uma experiência que desejo concretizar, — disse Jim. — Talvez seja parvo, compreendo se quiseres deixar de falar para mim.

O meu rosto contraiu-se e começou a ganhar uma tonalidade vermelha. Ele estendeu a mão e passou sobre a minha face — as mãos estavam quentes —, e larguei um suspiro. Estava nervosa. Ele encostou-se a mim, deu um sintético pulo na cama e os olhos dele estavam luminosos — representava-se igual a um espelho a luzir o meu próprio reflexo. Ele era o meu melhor amigo, um companheiro e alguém importante para mim.

Algo o fez deter.

— O que foi?

— Os nossos pais podem chegar a qualquer momento! — Disse ele ao recuar a mão.

Eu queria ser beijada. Algo dentro de mim, implorava mesmo sem conhecer a origem ou até o que era. Parecia um coletivo de borboletas a remexerem-se nas entranhas, um agradável nervosismo miudinho. Parecia

que não vivera até àquele momento e fora Jim que me fizera querer respirar novamente, expelir toda a água acumulada nos meus pulmões. Eu não o deixei afastar-se de mim e as sobrancelhas dele franziram bruscamente. O canto dos seus lábios levantou-se e quase deu para observar um sorriso genuíno. Ele aproximou-se, entre receios, e por fim, fechou os olhos e os nossos lábios tocaram-se pela primeira vez.

Fui inundada por uma variação de sensações, sentimentos e pensamentos quando a sua língua tocou na minha e pude constatar um sabor intenso a tabaco e menta. Parecia ver estrelas à mistura. O momento não durou muito tempo, pouco depois os nossos lábios afastaram-se e sorriu. Fiquei confusa, sem saber se ele gostou ou não.

Mais tarde, nessa mesma noite, Jim e os pais foram embora e pernoitei parada no tempo a olha-lo da janela do meu quarto, a tocar nos meus lábios e a recordar o momento. Tinha dezasseis anos e foi o meu primeiro beijo. Algo dentro de mim, dizia que as coisas poderiam mudar a partir daquele exato momento e essa sensação permaneceu até a manhã seguinte, quando ele apanhou o avião para Toronto.

Ele encontrava-se sentado num dos bancos do aeroporto a olhar para o painel, ansioso pela nova vida que estava prestes a enfrentar. Após vir da casa de banho, sentei-me do seu lado e toquei-lhe no ombro — tentava descobrir os seus pensamentos e se o beijo seria para ficar no olvido ou algo a ser conversado antes do voo.

Jim não olhou para mim, persistiu quieto e deu um delicado sorriso enquanto reputava o bilhete de avião.

— Vou ter saudades tuas, Paola.

Não podia negar, iria sentir o mesmo. As suas palavras criaram um vazio dentro de mim, mas tentei não me focar no assunto. Ele era a única pessoa que me fazia sentir comum. Os meus outros colegas tratavam-me como uma foragida. Aliás, a partir desse dia, deixei de ter companhia durante o almoço na escola.

Tamborilei os dedos na mão e disse:

— Espero conseguir-te visitar em breve. — Estava entusiasmada, viajar para outro país e só de imaginar que o voltaria a ver, deixava-me esperançosa.

— Em breve, encontrarás um novo amigo, — completou ele.

Os olhos dele encontravam-se distintos, cobertos por uma neblina de tristeza e um laivo cinabrinho; era certo que chorou, só não conseguia saber a origem daquela emoção. A sua voz não era nítida, via-se que não estava bem. Ele suspirou e disse:

— Para mim, és mais que uma amiga. Mas não és obrigada a esperar por mim.

— Jim, vais para Toronto. — Sorri, a tentar esconder a minha própria tristeza. — Podemos sempre conversar por chamada ou num *chat* da *internet*.

— Sim, mas muita coisa pode mudar, — ele abanou a cabeça. — Nada é certo, somos só dois adolescentes.

Não acreditava que Jim falava aquilo. Normalmente, ele era sempre tão otimista, ao contrário de mim. Nas piores situações, ele conseguia sempre encontrar uma esperança que o fazia continuar quando tudo parecia desmoronar.

— O problema é amar-te Paola. Não sei se devia admitir isto antes de partir, mas cresci a amar-te e ontem, o nosso beijo fez-me perceber isso.

Corei. Talvez ele estivesse só a ser dramático para não ferir os meus sentimentos, mas a verdade é que também o amava. Podia não saber ao certo o que era o amor há catorze anos, mas hoje é explícito. Ele fazia-me sentir tão bem comigo mesma — sem medos, rodeios ou pudor.

O momento foi quebrado pelo altifalante a chamar o voo dele e automaticamente, senti um vazio a expandir no peito: um buraco, se parte do meu coração estivesse prestes a ser arrancado à força, sem dó nem piedade. As minhas pernas tremeram ao levantar-me e dei-lhe um forte abraço. Ele apertou-me, puxando-me para si e beijou-me o pescoço disfarçadamente. Sentir o calor da sua pele era sumptuoso. Afastámo-nos e seguimos para perto do portão A32, o local que nos ia separar. Ele passou

a mão por cima dos meus ombros e assim fomos, perto um do outro, dando um último sorriso antes de largar-me e todo o seu corpo afastar-se definitivamente de mim.

O meu pai permaneceu para trás e eu deixei-o ir ao dar-lhe um último abraço, de amigos, mas com um carinho diferente à mistura.

— Até um dia Paola. Fico a esperar uma visita.

Eu não consegui conter e derramei uma lágrima.

— Até um dia, Jim! — Exclamei, entre um longo suspiro.

Ele deu um passo em frente, apresentou o bilhete para a assistente de bordo e seguiu caminho para o túnel. Eu já não esperava que olhasse para mim, mas prestes a abandonar o local, ele olhou para trás e deu um último aceno, seguindo de cabeça baixa.

O meu peito apertou e as lágrimas começaram a escorrer lastimavelmente. Olhei para o meu relógio e fui ao encontro do meu pai, para tentar atenuar a dor. O meu pai encontrava-se de braços abertos.

— Não faz mal, — disse ele, ao beijar-me o couro cabeludo. — Chora, filha. Larga todas as mágoas agora. Não deixes nada a remoer por dentro. — Os seus braços envolviam-me com força, era aconchegante.

— Podemos esperar até o avião partir? — Pedi, inconsciente do que acontecia ao meu redor.

Deixei o peso do meu corpo cair sobre a vidraça que agora nos separava e pousei a minha mão, esperando que seguisse viagem. Não sonhava que não fosse o nosso fim. Eu, realmente, o amava e parecia que a minha vida só voltaria a fazer sentido, quando o voltasse a ver. Minutos antes do avião descolar, recebi uma mensagem: *eu realmente gostei do nosso beijo de ontem, guardarei na memória. Até um dia.* Coloquei o telemóvel no bolso e despedi-me mentalmente dele.

— Em breve estarão juntos novamente, filha. — Disse o meu pai.

— Não tenho tantas certezas disso, pai. — Esfreguei a ponta do nariz.

Enquanto falava, sabia que não podia ser verdade. Jim não era o tipo de rapaz que termina uma amizade do nada; ele diferia dos restantes rapazes

da escola, principalmente da equipa de natação. Era um doce. Às vezes, não podia negar, sentir ciúmes.

Na primeira vez que encontrei o Jim Green, tinha apenas cinco anos e nunca pude prever que a minha vida poderia terminar desta forma. É isso que faz a minha vida atual ser tão estranha e solitária. Apaixonei-me por ele quando estava com ele, longe da minha realidade e a viver um conto de fadas, que não acreditava ser possível. É nisso que reflito, e como sempre, o nosso tempo, juntos, volta para mim. Encosto a cabeça sobre a relva, fecho os olhos e penso no meu quarto, onde aquele despertar aconteceu e agarro-me à memória. O sol já emerge atrás das montanhas e a minha mente busca a escuridão para refundir a dor que sinto.

1

Alguers em junho de 2014

APESAR DE TUDO, continuei a fazer o que tinha de ser feito, diariamente. O mundo não parou de mover e temos de aprender a sobreviver, mesmo após eventos marcantes. Nos anos que se seguiram, de algum modo consegui retomar a minha passiva vida. Mas isso não aconteceu logo. Os primeiros meses foram difíceis e solitários, mas com o tempo a perda transformou-se em algo mais suave. Embora gostasse muito do meu melhor amigo e soubesse que parte de mim não iria permitir abandonar essa sensação, a dor não era tão forte quando fora antes. Lembro-me das lágrimas, e de como a vida tornara-se vazia, mas a dor dilacerante ficara para trás. Agora, quando pensava em Jim, era com um sorriso no rosto, grata por ele fazer parte da minha vida.

Também sentia-me grata pela música, permitiu-me ignorar toda a angústia. Focar-me em algo além de Jim. Infelizmente, também não durou muito tempo.

Mas naquele momento, olhava para o meu reflexo no espelho, enquanto as palavras do meu pai não saiam da cabeça: *o amor pode ser só uma miragem*. Maldito seja o meu pai, por ter sempre razão e maldito sejam «os contos de fadas» que nos contam em criança. Enquanto os meus amigos estão a casar, a ter filhos ou a serem promovidos... estou perdida no meu próprio olhar, a sonhar alto e a desejar um novo recomeço. O ano novo começou a alguns meses e não conseguia deixar de pensar em como os astros podiam alinhar-se a meu favor, pelo menos uma

vez na vida. Será assim tão difícil? Sei que qualquer rompimento é doloroso, mas o meu tornou-se pior quando dos mil e catorze chegou e a mensagem que recebera foi uma despedida. Um relacionamento que durou dois anos, terminou com uma simples mensagem, sem nenhuma justificativa. *Eu não devo pensar mais no assunto. Eu não devo pensar mais no assunto.* Recitei essa mantra várias vezes, eu tentava, mais uma vez, ganhar controle dos meus pensamentos.

Revirei os olhos em exasperação e olhei para a pálida menina de cabelos castanhos e olhos, cobertos agora com um laivo vermelho de dor. O pior é que a menina olhou de retorno para mim e desisti. A minha única opção era conter o sofrimento, engolir o choro e seguir em frente.

O meu pai é um homem que já sofreu muito por amor, após a morte da minha mãe ainda tentou conectar-se novamente, mas não valeu a pena. O seu coração só batia por uma mulher. Então, eu já devia estar a par de como o amor verdadeiro funciona. Só temos uma oportunidade, e na atualidade, é quase impossível de acontecer. Não que não haja bons homens por aí, só são difíceis de encontrar. E atenção, não digo isto de livre vontade, apenas se tem tornado menos credível. Aliás, qualquer mulher deveria sentir-se grata de encontrar alguém como o meu pai. Ele dá tudo o que tem, tenta oferecer o melhor do seu coração e trata a pessoa da melhor forma. Talvez seja esse o seu erro, ou estarei eu incorreta, por deixar-me levar pelo sofrimento e transformar-me um pouco fria? Mas como não ficar assim, após dois amores incertos, porque ou partem, ou alegam que não sou romântica o suficiente. Simplesmente, encontram outra pessoa?

Contudo, tento levar o acontecimento com a maior positividade possível. Ser diferente não é mau, sabe bem diferenciar do resto da sociedade, aonde o amor parece só existir quando dois corpos se encontram sem roupa e em contacto direto na pele com pele. Não serei hipócrita e dizer que já não pensei assim, porque já. Mas chega um ponto da nossa vida em que queremos mais, vemos os nossos amigos a crescerem interiormente, a formarem uma família e nós, permanecemos da mesma

forma... sozinhos e sem expectativas para a vida. Assim, aceitei a proposta do meu pai em visitar o Canadá, a mesma cidade em que Jim desapareceu, sem deixar rasto.

Podará ser Toronto a minha salvação? Poderei encontrar-me novamente? Não tencionava deixar que ninguém controlasse a minha vida, muito menos no meu coração. *Será possível? Podará o universo estar a alinhar-se para esta viagem?*

— Eu aviso assim que aterrar — eu disse para o meu pai. — Ficas bem?

Carlos ignorou a minha questão e carregou as minhas malas para dentro do aeroporto, com um sorriso desenhado nos lábios. Ele também se sentia sufocado com a perda de todos os nossos bens. Uma empresa de vários anos e, tudo em vão, devido a um vício.

— Falo a sério — voltei a referir. — Estás mesmo bem? Posso desmarcar tudo.

Carlos levantou finalmente a cabeça, piscou os olhos e olhou para mim. Um breve levantar de ombros, foi o suficiente para sentir-me culpada de viajar e deixá-lo sozinho.

— Não te preocupes comigo. Vai, diverte-te. Chega de tomares conta de mim. — Ele disse.

Com isso, fomos em direção ao balcão para entregar as malas e esperar impacientemente pelo chamar do meu voo. Seria a minha primeira viagem para fora de Portugal, não sabia ao certo o que esperar. Não só isso, mas o Jim. *Sete anos passaram, como ele estará?* Tentei não me focar muito no assunto, a minha ida, seria simplesmente para encontrar-me.

— Manda cumprimentos para o Jim. Ele deve estar um homem feito. Nunca percebi muito bem porque deixaram de falar. — Afirmou o meu pai.

— Nem eu, pai... nem eu.

— Achas mesmo que será boa ideia? Levaste tanto tempo para o esquecer. Talvez tenha sido má ideia, propor-te para o voltares a encontrar ao fim destes anos todos. — Carlos disse numa voz rouca.

Não vale a pena pensar mais nisso, pensei. Mesmo após tudo, eram águas passadas. Olhei para o meu pai, já prestes a embarcar e ele apresentava-se calmo. Um cabelo a fugir para um branco, prateada. Ele perdera o gosto de arranjar-se para sair, mas ainda assim, conseguia ser charmoso no seu fato de treino confortável. Tem uns olhos semelhantes aos meus, só um pouco mais escuros. Tive de ignorar a minha pontada atrás da cabeça e disse:

— Não te preocupes. Fico bem. Qualquer coisa, não hesites em ligar.

Levantei-me e preparava-me para prosseguir viagem quando o meu pai disse o meu nome novamente.

— Amo-te, Paola.

Olhei para o relógio de pulso e pensei nas oito horas de viagem que tinha pela frente, antes de responder:

— Eu também, pai. Talvez seja bom para nós os dois, este tempo, separados. Precisamos refletir bem o que desejamos para os nossos futuros. Uma solução pode aparecer... quero acreditar nisso.

Carlos olhou para mim.

— Eu sei, eu sei — disse ele. — Preciso de encontrar um trabalho.

Paramos do lado de fora da área de embarque. Ele inclinou-se e abraçou-me.

— Aproveita as vistas lindas do Canadá.

— Regresso em breve. Não desanimes.

Nós abraçamos-nos de novo — e então fiquei sozinha. Corri para o painel para perceber o meu portão de embarque e sorri ironicamente quando notei o A32. Então dirigi-me para lá e entreguei o meu bilhete, antes mesmo de percorrer o mesmo túnel. *Eu não posso acreditar que deixei o meu pai convencer-me disto*. Entretanto, sentei-me no assento destacado no bilhete e ajetei-me para a longa viagem. O céu estava limpo quando parti de Lisboa, com acesso à Canada, em direção a Toronto. Era cedo, já tinha comido, portanto, foi só colocar os auscultadores e esperar adormecer.



Eu realmente gostei do nosso beijo de ontem, guardarei na memória. Até um dia. São palavras que permanecem até hoje na minha mente. O modo como ele o disse, deixou-me esperançosa pelo romance que aspirava acontecer no meu subconsciente. Nunca ouvi ninguém, dizer algo tão simples e tão profundo, de modo a deixar-me hipnotizada só de pensar. Parecia que as nossas vidas poder-se-iam encontrar num futuro próximo. Não sabia se era sincero, ou apenas uma forma de afastar-se sem me magoar. Era só uma criança quando tudo terminou, antes mesmo de começar.

A mensagem enviada é honestamente a única recordação que tenho desse dia, e parece que ainda hoje sinto a adrenalina no meu coração ao lê-la. Fecho os olhos, pronuncio as palavras e estou de volta ao aeroporto, tantos anos atrás, descendo as escadas rolantes, observando-o à minha espera com um fato bem apertado e uma gravata, a escoltar-me com os seus olhos cinzentos-azulados.

Esquecera-me como os seus olhos eram lindos, semelhante ao reflexo do oceano num dia de tempestade. Eu tinha simplesmente esquecido. Não posso inventar nenhuma justificativa para isso, nem inventaria se pudesse. De que adiantaria? Sete anos mudam uma pessoa. No entanto, ao olhar para ele, ao reparar pela primeira vez na forma contraída como ele relanceou os olhos para o lado e na postura inegavelmente firme e dura da sua cabeça, de repente percebi que não tinha certeza de que ele me queria ali.

— Olá, Paola. Como foi a viagem? — Ele perguntou.

Dei um breve bocejo, estava cansada mesmo após ter passado grande parte da viagem a dormir e trocamos um abraço. De repente as nossas mãos tocaram-se e todo o poder que tinha sobre mim, renasceu. Parecia que os anos, após a sua partida, nunca existiram. A nossa conexão poderia ter começado bem ali, naquele momento: o seu rosto reluzente às luzes do aeroporto, a sua forma de vestir-se e até o seu sorriso de porcelana.

— Olá, Jim. Foi boa, cansativa. Talvez ainda esteja a recuperar da mudança do fuso horário.

— Vamos? — Disse ele.

Ele pouco falou no momento, sabíamos que a viagem não aconteceu devido a promessas do passado e sim, a pedido do meu pai para poder visitar a cidade e pensar, seriamente, no que realmente queria para o meu futuro.

Terminei o secundário e não sabia o que fazer a seguir. Frequentar uma faculdade não parecia uma opção para mim. Então, quase sem pensar e já de costas para o aeroporto, ele carregou as minhas malas e seguimos para o interior do automóvel sem trocar uma única palavra. Éramos dois estranhos, a distância levou-nos a cada um seguir uma vida, e ele próprio tornou-se em alguém importante — era um advogado célebre.

— Quando chegarmos a casa, liga ao teu pai para avisar que estás bem. — Disse ele por cima do meu ombro, ao pegar numa das minhas malas.

Virei-me para ele.

— Sim... é mais prático usar a internet. Não tenho sinal aqui. — Respondi.

— Claro, e mesmo que desse... seria um balúrdio a chamada. É bem mais prático ligares pelo Messenger ou o WhatsApp. — Empoleirou-se na bagagem do carro para guardar as malas.

— E, tu, como estás? — Perguntei, a tentar quebrar o gelo.

— Bem, — ele disse, friamente, enquanto fechava a porta e encaminhava-se para o interior do carro. — E tu?

Dei um abanão de ombros.

O exterior fazia-me acreditar ser tarde e o ar seco, prometia um verão quente. Usava uma t-shirt aleatória, a primeira peça que encontrei no guarda-roupa e, embora tenha pensado que ela seria confortável, percebi ter as costas completamente molhadas. Acima de nós, as estrelas pareciam minúsculos pingos de tinta prateada sobre uma tela cor de carvão. Sempre me senti muito apegada ao céu noturno, mesmo sem compreender muito bem astrologia. Mas olhar para o céu, naquele exato momento, fez-me

crer que por vezes, colhemos o que plantámos. Desatenta para o mundo, entrei no carro e senti um ar pesadelo, denso e tive de engolir em seco, assim que começamos a viagem para o desconhecido.

O rádio manteve-se ligado e poucas foram as perguntas feitas a meu respeito. Contudo, não pude deixar de reparar num objeto brilhante, dourado, na sua mão direita — uma aliança de casamento? Eu sabia que ele não ia ficar para sempre à minha espera, mas a mensagem ainda hoje mexe comigo, foi a minha primeira paixão de adolescência — ainda mais o meu melhor amigo.

Seria uma permanência curta, umas meras quatro semanas. Passaria rápido. Ia tentar visitar a cidade e talvez, quem sabe, conhecer novas pessoas. Eu precisava manter-me ocupada, porque o Jim não estaria muito presente com a sua dedicação no trabalho. *Talvez, chegue a apresentar-me a sua esposa*, pensei. Não podia negar que me senti intimidada com a sua presença. Ele tornou-se uma pessoa inacessível, mas, no fundo, sabia que ele mantinha o seu ar doce e protetor daqueles que mais amava. E posso dizer que os anos fizeram-lhe bem, a barba cerrada deixava-o com um ar mais poderoso. Todavia, não o podia julgar por ter-se tornado assim, passaram só uns breves meses desde da morte do seu pai. Mesmo com vinte e seis anos, ele era órfão de pai.

Viajar para Toronto e permanecer na casa de Jim não estava nos meus planos no passado, além disso, até o voltar a ver, esquecera-o. Não foi fácil, mas com algum sacrifício e ajuda do meu pai, as coisas foram-se a tornar suportáveis. Por dois anos, diariamente, eu trocava mensagens com ele. Tudo mudou quando o meu pai faliu e tivemos que mudar toda a nossa rotina. A minha vida deu uma reviravolta antes mesmo de completar dezoito anos e já nessa altura, Jim deixou de se comunicar comigo. De todos os dias, passou uma ou duas vezes por semana e por fim, tornou-se definitivo. Ele criou amizades e viveu a sua vida da melhor forma que conseguiu.

— Não é o melhor espaço, mas é o que arranjei à última hora.

Arqueei a sobancelha. Virei-me para a cama e pousei as minhas malas. Fiquei num quarto que parecia estar destinado a um bebé, em turquesa e móveis de berçário. *Talvez pertencesse aos antigos donos da casa*, pensei. A casa situava-se num bairro minimamente luxuoso, as casas eram cercadas por vegetação alta e eram poucas as pessoas que saíam de casa a pé. Já a dele era pequena, mas tinha uma vista privilegiada para o horizonte da serra. Os dias eram mais quentes do que o esperado. Eu sabia que os verões no Canadá eram calorosos, mas nunca pensei que pudessem atingir valores superiores aos quarenta graus. O céu, no pôr de sol, tornava-se numa tela pintada em várias cores — salmão, roxo e laranja — a minha própria idealização de paraíso. Claro, o tempo era ótimo para passar os dias na praia, mas eu não estava pronta para andar sozinha pelas ruas aglomeradas do país. Como todas as cidades, Toronto é rica em alguns lugares e pobre em outros, foi a primeira coisa que reparei assim que deixámos a via-rápida.

Entrar na sua casa, conduziu-me a acreditar que realmente não o conhecia. O rapaz de dezanove anos que partiu, morreu durante a viagem. Ele já não era da nossa família, a viagem moldou-o. Começou uma vida longe de tudo o que o ligava à sua humilde vida em Lisboa. O meu pai, reservado e tímido, gostava muito dele — tratava-o como um filho. Suponho que deveria ter-me dado conta aí do quanto eu e o meu pai diferíamos, mas é preciso bater com a cabeça para apreender.

Imaginei que, no fim das contas, não teria de esforçar-me muito para lutar contra aquela sensação que crescera dentro de si, após o reencontrar no aeroporto. Fora justamente quando começara a perguntar-me se ainda havia uma parte do velho Jim no homem à minha frente.

E por milagre, mesmo depois do Jim afastar-se da divisão e deixar só um silêncio encarecedor, ouvi um bater de patas pesadas no chão de madeira: um lavrador. O animal acabou por correr na minha direção e fez-me tombar sobre a cama, lambendo-me o rosto de excitação.

— Calma... eu não fujo — respondi, na tentativa de diminuir o entusiasmo do cão ao ver-me.

— Sam, rapaz. Vem aqui — disse o Jim, a correr pelo corredor, num tom mais bravo.

O cão olhou para mim, olhou para o dono e voltou a dar um alto salto para cima de mim e lambe-me novamente o rosto.

— Vá, vamos deixar a Paola a organizar-se. Ela está cansada. Anda — Disse Jim a tentar tira-lo de cima de mim, agarrando a coleira. — Desculpa, ele normalmente não é assim com desconhecidos. Parece que gostou de ti. — Disse ele, num sorriso meio fechado.

— Não há problema. Sabes que gosto de animais.

— Sim — ele respondeu antes de sair do quarto novamente, agora na companhia do Sam, que continuava ofegante e com a sua língua de fora. — Vou preparar qualquer coisa para comeres.

Mais simpático que o dono, pensei. Mas eu também não era a pessoa mais extrovertida.

Abri as cómodas e comecei a guardar as minhas roupas. Como estava cansada e suada da viagem, decidi tomar um rápido banho, antes de comer qualquer coisa. Abri a torneira e entrei no chuveiro, tentando parar a torrente de lembranças. De que adiantava pensar nos momentos difíceis?

Pelo menos, já não estarei sozinha. Tenho o Sam, como companhia. O estranho era pensar no meu antigo cão. Possuía o mesmo nome, antes de ser abatido por uma doença infecciosa e terminal. Seria um sinal? Era um pastor-belga, um cão muito dócil e fora o meu melhor amigo. Digamos que estes sete anos foram anos de muita luta e perda: perdi a minha mãe quando ainda era muito nova, a minha avó, um primo e o meu cão. Não devia estar a pensar no assunto, mas toda a situação era estranha. E depois, também temos um Jim modificado, uma versão melhorada? Talvez, não. Sempre que pensava nele, mesmo afastados, acreditava estar casado, a viver numa ampla casa com a típica cerca branca. Uma *SUV* para transportar os filhos para as atividades extracurriculares e eram uma família feliz, mas não fora o que vira ao chegar. O próprio animal parecia mais animado.

Fechada no quarto já perto de dormir, decidi analisar a última troca de palavras e o momento em que ele dissera que o cão gostara de mim. E depois o facto de eu ter ficado toda corada, com medo de que Jim Green tivesse interpretado ao apanhar-me já só de calças e sutiã, como um gesto foleiro de intimidação.

Coloquei a almofada sobre o rosto com vergonha. A face começava a ficar vermelha e acabei por rir de raiva e frustração por estar-me a sentir assim. Não é possível que tudo esteja a regressar novamente, ainda mais quando sei que ele não me quer aqui. Virei a cara para um lado e para o outro, a perguntar-me o que poderia Jim pensar sobre mim. Estava confusa e excitada, e isso acontecera quando e onde menos esperava. Sete anos não contam para nada, quando toca a sentimentos? Esquecera-o, ou apenas o mantive adormecido no meu subconsciente para recordar mais tarde? E esse momento chegara agora? *O que está a acontecer comigo?*

No dia seguinte, observei bem as ações destemidas de Jim, como aprendi a fazer com todas as pessoas. A maior parte das vezes havia, pelo menos, um ao outro momento mais «tranquilo», onde ele parecia descontraír — eu chamava «libertação emocional». Ele escondia algo e por vezes, esquecia-se disso, mas quando tentava retorcer já era tarde demais. Aí, ficava um pouco sem graça e mais tímido do que nunca, fechava-se em quatro copas e esperava que esquecesse o dito. Aos meus olhos, eu não me importava: continuava a tentar instalar-me e a aceitar as suas manias da melhor forma possível. Mas às vezes, tornava-se quase impossível. Os olhos de carneiro mal morto eram irresistíveis. Estar na sua presença fazia-me sentir agradavelmente ágil e alvoraçada. No entanto, o seu impecável fato escuro, a camisa branca e a gravata de seda muito bem apertada, colocava-o numa categoria que estava fora do alcance de uma pessoa como eu, a categoria de pessoas sérias, bem relacionadas e ricas.

Reparei que, gradualmente, o fato dele deixou de intimidar-me. Apesar do fato de executivo poderoso, Jim possuía um magnetismo positivo. Era influenciador de várias pessoas, especialmente por quem trabalhava na empresa com ele. Talvez fosse a única coisa que se manteve

nestes sete anos que passaram. Ele lidava com os clientes de uma forma vaga, mas em modos delicados. Notei que ele não deixava ninguém entrar, nem mesmo «bons» amigos. Até os clientes mais irritadiços, ele tratava sem qualquer importância, ignorando os seus feitios complicadíssimos. Entre momentos de convívio, na sua casa, não pude de fitá-lo com o olhar ou fitar o vazio, de uma maneira que dava a entender ter outras coisas a inquietá-lo além de meras pressões profissionais. Gostava do rosto dele, era sério, mas numa forma não tão antipática como parecia imaginar.

O colarinho do casado trazia consigo aromas de canela e pele, sempre que se movia perto de mim; dei por mim várias vezes parada no tempo a pensar no que poderia ter acontecido entre nós, se não tivesse emigrado. Apesar da minha ida para Toronto, continuei com dificuldade em rotular a nossa «amizade» nos primeiros dias. Mas vivia há tempo suficiente para saber que as amizades são atualmente construídas por interesses: sexual ou monetário. Ninguém faz nada sem pedir nada em troca. E tinha medo, que ele fosse exigir algo de mim... eu ainda não sabia muito bem o que sentia por ele, porque não era com esse intuito que fora para um novo país. No entanto, ali estava eu, corada, nervosa, sentindo que me saíra a sorte grande novamente.

2

NÃO SEI AO CERTO quando começamos a nos aproximar, mas não foi nos primeiros dias, como já referi anteriormente: ele tratava-me com um certo desprezo, e não conseguia entender o porquê. Talvez as coisas tenham começado a mudar para nós quando jantamos num dos restaurantes mais prestigiados da cidade, e devido a ele ser advogado, conseguimos uma mesa mais privativa. Durante esses dias, eu não consegui evitar o estudar, tentar compreendê-lo e lembrar a beleza única que possuía. O seu tom de pele mudou, escureceu devido ao sol forte ou ao solário. Eu não conseguia ficar muito tempo sem corar, e foi nesse jantar que as coisas pioraram. Ele sentou-se à minha frente e os seus olhos voltaram a ser aqueles que recordava no meu quarto, na noite do nosso beijo — um espelho. Íntimo, puro e intocável.

O seu rosto deixou a sua posição séria e tornou-se amigável, um cenho mais sorridente. Cada dia que passava, o romance que ficou pendente, tornava-se mais desejoso — como se fosse um fruto proibido entre nós. *Mas porquê sentir-me assim?* Não tinha nenhuma lógica voltar a gostar do homem que partiu o meu coração e fez-me sofrer tanto. Pode ser que tenha começado durante as horas intermináveis quando ficava sozinha em casa, a vasculhar toda a sua vida. A única prova dos meus atos era Sam, um cão fiel ao seu dono, ao mais alto nível.

Todos acham normal, os animais serem fiéis e dóceis com os donos, certo? Aliás, os animais são mais honestos que os próprios humanos, eles não têm maldade nos seus corações. E quando têm, normalmente, é

apresentada pelo Homem. São usados como armas, entretenimento e morte. Talvez, no fundo, tenha tido um pouco de inveja pelo Sam. Mas ele também não era um cão propriamente «normal». Fora o hábito comum de marcar o seu território quando o levava à rua, ele olhava-me com uns olhos de humanos — como se conseguisse perceber o que falava. Eu pedia um conselho e ladrava, vários uivos frenéticos. Por não falar, de quando ligava a televisão, ele tinha o hábito de sentar-se no sofá e estender-se a fixar nas imagens. Ele simplesmente obedecia a tudo. Ainda cheguei a comentar com o Jim sobre algum treinamento, há cães ensinados desde pequenos para comandar as ordens dos donos, mas ele recusou. *Disse que o bicho chegou assim a casa.*

Quanto mais eu mexia nas coisas do Jim... bem, mexer talvez seja uma palavra feia. Eu apenas tentava conhecê-lo um pouco melhor, visto que as conversas que tínhamos não nos levavam a lado nenhum. Sam ao ouvir a porta a bater, corria energeticamente e começava a ladrar. A tentar contar o que andara a fazer? Depois voltava para a sala e deitava-se em cima de mim, no sofá. Encarava-me com um olhar de julgamento até bocejar e acabar por adormecer.

A verdade é que não sei quando tudo voltou de uma só vez, mas acredito que talvez tenha sido com as nossas saídas e termos falado um pouco mais sobre nós e os acontecimentos destes últimos anos. Ou simplesmente, porque Jim deixou-se abrir mais. Sentiu-se mais à vontade. Éramos dois estranhos quando nos reencontramos no aeroporto.

Toronto era uma cidade completamente diferente ao que estava habituada. A noite já caía, e eu não sabia o que pensar. Felizmente, Jim estava ocupado com uma ligação do trabalho enquanto conduzia a grande velocidade pelas ruas desertas, e tenho a certeza que me mirava, pelo canto do olho. Uma mão no volante e a outra, eventualmente, disparava para o ar envolvente e as suas palavras eram tensas, algumas até proibidas... abanava muito a cabeça.

O nosso destino foi um restaurante, um edifício recentemente reformado, mas com um estilo totalmente clássico. As paredes foram

revestidas em madeira, altas vidraças que faziam a cidade transformar-se numa longa e profunda fotografia. Já passava das seis da tarde quando chegámos ao destino e sentia-me aliviada de não estarmos sozinhos quando entramos no estabelecimento. As minhas pernas tremiam. Sentia-me, francamente, intimidante pelo espaço. Atrás de um pequeno público, um jovem rapaz moreno, sorriu agradavelmente para nós. Ele vestia um fato justo e preto, do mesmo estilo que Jim ganhara hábito de usar.

As pessoas encontravam-se igualmente bem vestidas e eu, encontrava-me com vestido vermelho, florido e aberto nas costas. O cabelo apanhado num básico coque e as antigas *converse* brancas da minha mãe, não sei porque, mas sentia-me mais ligado a ela. Não abandonavam os meus pés, mas não pude de deixar de sentir-me fora de mão. Enquanto caminhávamos pelas coxias, um casal olhou-me dos pés à cabeça e notei um arquear de sobrancelhas: surpresa ou ofendida por alguém como eu encontrar-se num estabelecimento requintado. Mesmo quando o meu pai também fazia parte das grandes elites de Lisboa, nunca fui muito dada a arranjar-me: era só o necessário, sentir-me confortável. Porém, naquele momento, senti-me estranha... não pertencia àquele mundo.

Devia ter escolhido algo mais formal, mas as minhas roupas não eram luxuosas. Como não sabia para onde Jim me levaria quando saímos de casa, decidi só tomar um banho e vestir um vestido mais fresco para a onda de calor que circundava a cidade. Só trouxera um belo vestido na viagem, branco, com um belo decote que fazia os meus seios sobressair e justo ao corpo, mostrava as minhas linhas femininas. O vestido fora usado para o funeral do meu primo Daniel: morreu a dormir, um ataque do coração. Tinha apenas vinte anos.

Passei uma mecha de cabelo atrás da orelha e segui caminho para a mesa reservada para nós. Por fim, Jim guardou o telemóvel no casaco azul-marinho que trajava. Ele fizera a barba nessa manhã, embora mal fosse necessário. Qualquer coisa ficava-lhe bem, até quando era mais desleixado.

À porta do restaurante, esbarrei-me contra ele ao subir os degraus, com uma das suas manápuas, agarrou-me no cotovelo para que não caísse, ao subir os degraus. Eu não era assim. Eu andava com a cabeça completamente noutra mundo. Suspirei interiormente, para não apresentar frustração. Jim olhou-me, com um ar mais bem-disposto.

— Espero que não te importes... de vir jantar comigo.

— Não, assim também não passo mais uma refeição sozinha. — Comentei, atónica.

Jim veio diretamente do escritório para apanhar-me em casa. Recebera a notícia quando estava prestes a terminar o jantar, mas não comentei nada com ele. Decidi aproveitar a deixa de estarmos os dois num local mais íntimo.

— Espero que o Sam não esteja a ser um abusador — disse Jim, numa voz calma. — Ele gosta de aproveitar-se às vezes da boa vontade das pessoas para com ele. — Finalizou ele, libertando uma pequena gargalhada.

— Nada disso, ele é um ótimo anfitrião.

O empregado parou numa mesa perto de uma das janelas. Os assentos eram revestidos de couro castanho, velas preenchiam o local e o candeeiro de cristal refletia a luz, criando pequenos prismas no teto e o ar condicionado trazia um aroma de lavanda, calmante e acolhedor.

Sentei-me. Jim ajudou-me a recolher a cadeira para a frente. O empregado deixou a ementa sobre a mesa e partiu, logo de seguida. A incerteza da nossa relação deixava-me irritada, ou nervosa. Ele ao juntar-se a mim, sorriu. Revirei os olhos internamente. Jim tornou-se alguém como sempre pensei que pudesse vir-se a tornar, mas havia algo a mistura, diferente, notável ao olhar — só não conseguia desvendar o que.

Outro empregado, igualmente bem-vestido, trazia uma bandeja na mão e sorriu ao aproximar-se da mesa, muito casualmente e disse:

— O que vão desejar beber?

— O melhor *chardonnay* que tiverem na vossa lista de vinhos. — Respondeu o Jim, sem pensar duas vezes. Pessoas ricas, normalmente, não

têm a tendência de olhar para os preços. Simplesmente, querem e compram. Ao contrário de mim, olhava para tudo com um olhar de «pobre», ao fazer contas mentais de quanto poderia gastar ou não.

O empregado de mesa franziu o cenho e olhou para mim.

— Ok, fiquem à vontade. Já volto com o vinho. — Ele respondeu, ao preparar para afastar-se.

— Obrigada, — respondi, num leve murmúrio.

Queria tentar mostrar-me firme, mas a verdade é que me encontrava prestes a desmontar.

— Está tudo bem? — Perguntou o Jim, a sua voz era morna, possivelmente divertida, mas difícil de interpretar.

— Sim, julgo que sim. Ainda não te consigo dar uma resposta franca. — Libertei um sorriso tímido e voltei a passar a mão pelo cabelo, para limpar a minha visão da franja, da mecha que se encontrava na frente dos meus olhos.

— Hum! Entendo, — ele disse friamente.

Ao nosso lado cresciam estantes de madeira, no mesmo tom das paredes — um carvalho-branco —, e com umas colunas inspiradas na antiga Grécia. Havia uma enorme lareira de mármore e uns grandes, e belos espelhos que já apresentavam desgaste no reflexo.

— Prefiro ver-te sorrir. Ficas mais bonita quando sorris — ele acabou por comentar, ao pousar o guardanapo de pano sobre as pernas e ajeitar-se na cadeira.

— Todos ficamos mais bonitos quando libertamos um sorriso. — Contrapus.

— Mas nem todos têm um sorriso «extraordinário», como o teu. Espero que entendas o que quero dizer.

Não fora a primeira vez que recebera um elogio referente ao meu sorriso. Honestamente, olhava para o espelho e não via nada de extraordinário. Simplesmente, uma boca a expressar emoção.

Jim recostou-se.

— Eu estive para vos visitar ao descobrir a história do Carlos, — disse ele, enquanto olhava por cima do meu ombro, evitava contacto direto. Provavelmente tentava fazer o correto, parecer que se importava com a nossa situação.

— E, porque não foste? O meu pai teria adorado a surpresa, ele tem estado muito em baixo nos últimos meses. Talvez seja por isso que me enviou para aqui, para poder estar sozinho e deprimido sem me preocupar.

— Ele é forte. — Ele respondeu e olhou para o prato que se encontrava à sua frente. Remexia o garfo em círculos, enquanto a outra mão estava estendida sobre a mesa, como uma provocação. — Então, como é a tua vida atualmente? — Perguntou ele, e foi quando me intimidou com os seus olhos penetrantes, quase como se me estivessem a queimar.

— O que queres saber?

Ele ergueu a cabeça e fitou-me. Agitei a minha cabeça, transtornada com a direção dos meus pensamentos com a pergunta. Por onde haveria eu de começar? Contar a minha vida amorosa fracassada? Contar que ainda o desejava, ou que perdera a minha virgindade com um rapaz mais velho que me deixou ao abandono após ter o que desejava? Nada parecia ser o mais correto, então, decidi levar a história para outro lado. Limpei a garganta e comecei a contar, parte da minha história mais romantizada. A pior parte para mim: contar sobre a empresa do meu pai falir e levar todas as nossas poupanças, mas isso ele já sabia.

— Aqui está o vosso vinho, deseja experimentar? — Disse o empregado, ao aproximar-se entre o silêncio que se alastrou entre nós.

— Não, pode deixar. Eu sirvo. Obrigado — Disse Jim, ao sorrir numa forma de despedida.

— Ok, — respondeu o empregado de mesa e voltou a deixar-nos a sós.

Quando tomei coragem de olhá-lo, ele observava-me com uma mão pousada sob o queixo e a outra, acabou por abandonar a mesa e elevar-se, coçando o olho. Ele mostrava-se realmente interessado em saber o que estive a elaborar nesses últimos sete anos, talvez seja por isso que diga que

foi esse dia que mudou as nossas vidas. Mas, naquele momento, o que desejava mesmo saber era o que acontecia na sua vida. Havia tanto que desconhecia, como cresceu num país e num idioma diferente; frequentar uma faculdade na América e tornar-se num dos homens mais cobiçados das revistas canadianas, de acordo com uma cor-de-rosa que encontrei sobre a mesa de cabeceira do seu quarto. Era estranho pensar que houve um tempo em que fomos próximos e beijámo-nos, debaixo do meu céu fictício.

— Estás diferente, — disse ele ao dar um gole de vinho. — Não és a mulher que imaginei que te pudesses tornar — admitiu.

— Então, como pensavas que ir-me-ia tornar?

— Não sei explicar. — Notei indiferença no seu tom de voz, como se tivesse percebido ficar incomodado com a questão.

Sei que já não era a mesma mulher, mas todos nós mudamos. Eu era uma criança a última vez que o vi, e a sua fama era demonstração disso mesmo. Ele poderia não querer afetar-me, mas afetou com o comentário. Mas, eu acredito que ele era feliz com a vida que levava. Digo isto, porque ele raramente mostrava as suas emoções no início. Não houve um abraço, uma palavra mais carinhosa. Parecia querer manter uma barreira entre nós, para não haver tentações. Sei que o amava já na altura, e havia uma certa possibilidade de ele não me ter esquecido também. Às vezes era difícil de acompanhar a conversa, especialmente, quando trazia trabalho para a mesa. Ele perdia-se, a contar casos que ganhara e outros que nem ponderou em aceitar. Mas de resto, ele não comentou. Via-se que vivia uma rotina preenchida. Ele era socialmente interessante e passava longas horas em festas, jantares e reuniões tardias.

— Namorado, não tens?

Olhei para ele surpreendida.

— O amor não quer nada comigo. Não sou ótima a julgar o carácter das pessoas. Acabo sempre magoada.

— Porque dizes isso? — Os olhos dele prenderam-se nos meus, curiosos pela minha resposta.

— Acabam sempre por usar-me — admiti num tom enfraquecido, quase inexistente.

— Talvez, nesse aspeto sejas tu que erras. Não debes dar tudo. As pessoas gostam de abusar da boa bondade humana, e conhecendo-te... és um anjo. Já na nossa adolescência, eras aquela criança que estava sempre pronta para ajudar, e nunca pedia nada em troca. Infelizmente, as pessoas aproveitam-se.

A sombra de um sorriso tocou nos meus lábios e mudei a direção da minha atenção, encará-lo durante muito tempo, fazia a minha pele ganhar uma tonalidade vermelha.

— Talvez tenhas razão, Jim. Devia ser mais fria —, efetuei uma pausa antes de continuar —, mas as pessoas têm sempre algo para julgar. Se somos boas, julgam, se somos más, também acabam por julgar. Sinto-me à deriva no mar.

— Compreendo o que possas pensar, às vezes também sinto-me assim. — Ele sorriu e eu parei de respirar. Ele era tão bonito. Ele sentou-se direito na sua cadeira e continuou a olhar para mim. — Aprendi que o dinheiro por vezes não é sinónimo de grandeza pessoal.

— Ainda assim, ajuda bastante. Grande parte dos meus problemas estão direcionados à falta dele.

— Pensas que se tivesses dinheiro serias feliz? Estarias completa?

— Não, claro que não.

Ele olhou para o lado e cortou o momento que se criava entre nós.

— O dinheiro por vezes é maligno.

— Sim, o meu pai é prova disso.

— E como ele está? — Agora sim, o olhar dele era mais luminoso.

— A tentar solucionar da melhor forma a nossa vida — admiti.

— Porque aceitaste vir cá este verão?

— Ele queria-me fora de casa. Sei que não tenho sido fácil para ele, mas também não sei ao certo o que fazer com toda a situação. — Inspirei fundo. — Talvez as coisas tivessem sido diferentes com a minha mãe viva.

Ele não respondeu, apenas se limitou a observar a ementa e por fim, perguntar:

— Já pensaste no que pedir? Ouvi dizer que o bife aqui é ótimo.

— Para mim, pode ser só uma salada. Não tenho grande apetite. — Respondi. Como poderia ter fome, se me sentia tão nervosa na sua companhia. Ele mexia muito comigo. Para não falar que a temperatura da sala parecia estar a subir rapidamente ou talvez, fosse só eu. O meu batimento cardíaco acelerou enquanto Jim pedia a nossa comida.

— O que foi? — Perguntou ele, ao tomar a atenção em mim novamente.

— Porquê? — Perguntei ao franzir a testa.

— Pareces distante. — Os olhos dele estão acesos de curiosidade.

— Não sei, a pensar... acho.

— Em quê? — Ele colocou os cotovelos sobre a mesa e cruzou os dedos, antes mesmo de os encostar sobre os seus lábios.

Tive de engolir em seco, com medo de dizer algum disparate.

— Não existe muito que possa falar, honestamente.

— Não acredito que seja possível.

Encolhi os ombros.

— Eu não sei ao certo o que dizer, porque penso no que deveria pensar para o meu futuro. Não sei se me fiz perceber. Até os meus pensamentos tornam-se demasiado complexos de interpretar. Estou cansada da minha rotina, da minha vida quotidiana.

— Já pensaste, na possibilidade de morares aqui no Canadá?

Levantei as minhas sobrancelhas. Ele convidava-me para morar com ele?

— Não!

— Casa já tens, portanto, não consto problema. És da família.

Desviei o meu olhar automaticamente ao ouvir aquela palavra que durante anos deixou de fazer parte do meu vocabulário, pelo menos quando o nome dele era mencionado numa conversa.

Enquanto comíamos, Jim fez várias perguntas. Tentei explicar-lhe a minha falta de planos para o futuro. A expressão compreensiva dele incentivava-me a falar, disse bastante mais do que queria sobre os meus traumas e o tédio que sentia às vezes. Depois, sob a influência do vinho que corria a rodos e de mais umas quantas perguntas de Jim, contei tudo sobre Artur, como a nossa relação terminou, como senti-me um caco e não estava preparada para voltar a sofrer. Queria erguer-me novamente, encontrar um emprego, talvez e começar a pensar melhor no meu futuro... o quer que fosse. Sempre que fazia uma pausa, perguntando-me se estaria a papaguear demasiado, Jim colocava-me outra questão, que me punha novamente a falar pelos cotovelos. Por fim, perguntou-me:

— E a música? Continuas com os concertos?

— Não, já não toco há muito tempo.

— Porquê?

— Apercebi-me que talvez o violoncelo não seria para mim.

— Tinhas tanto jeito. Passavas horas a praticar.

— Também eras capitão de natação... não quer dizer que continues a competir.

Ele libertou uma gargalhada, antes de dar um novo gole no copo de vinho já meio vazio.

— Bem, — disse ele —, aqui preferem lacrosse ou desportos com mais robustez corporal. Deixei-me ficar e acabei por focar-me nos estudos. Precisava manter a minha bolsa.

— Pois... Harvard.

Ele riu-se.

— Sim. Harvard. Não é o que as pessoas pensam ser. Há uma rivalidade entre os alunos, todos querem ser os melhores. Não há lugar para erros.

— Por acaso, sempre pensei isso. Mas também não sei o que é estudar numa faculdade de elite. Porém, grandes universidades... grandes responsabilidades para manter o legado a correr.

Jim mudou a sua posição na cadeira. Chegamos àquela parte da noite que já não havia muito em que conversar, abordamos todos os temas

possíveis. O jantar alastrou-se por mais algumas horas e por fim, quando terminamos a sobremesa, decidimos dar um passeio pela cidade à beira-mar. A conversa permaneceu, muito na defensiva, até à caminhada. Notei que ele prestava atenção a cada palavra dita, de modo a contar só o que achava necessário.

— Estás a gostar da cidade?

— Sim, e da companhia também — disse-lhe ao tocar-lhe no ombro. Um gesto que fazia muito quando ainda éramos melhores amigos.

Durante a nossa caminhada, ele parou perto da «Torre CN» e olhou para cima. O céu estava estrelado, os carros emergiram do silêncio e ouviam-se sons de animais noturnos, as pessoas caminhavam, uns mais animados que outros. Era uma cidade com muito tráfego, e muito barulhenta — uma atrapalhão tremenda. Recordo-me de pensar em como tinha saudades da confusão de Lisboa, que parecia mansa confrontada com a de Toronto.

— Como conseguiste a tua famosa carreira? — Perguntei, ao quebrar o momento mágico que se alastrava, entre a taciturnidade das nossas respirações.

Ele deu um ligeiro sorriso, aquele que ele costumava dar quando estava nervoso com alguma circunstância futura. O mesmo do aeroporto ou do nosso beijo. Eu engoli em seco, com medo de estar a parecer interesseira, mas após a nossa conversa no restaurante, ele já sabia o que pensava em relação a tudo isto — o mundo do dinheiro. Eu realmente não tinha interesse algum, na sua carreira, aliás, só sabia que se passava na vida dele, pelas redes-sociais e pelo meu pai que se mostrava orgulhoso do antigo vizinho.

— Queres a história real ou resumida? — Deu uma gargalhada profunda.

Inspirei fundo e respondi:

— Qual é a melhor?

Ele desviou o olhar para o horizonte luminoso.

— A minha vida não tem sido fácil no Canadá e já ponderei várias vezes regressar a casa, mas já não sei onde ela é. A minha mãe continua em Hamilton, a minha vida é aqui... depois a morte do meu pai e agora... — ele não terminou. Eu não fiz questão de saber o que poderia dizer, notei que ficou incomodado, portanto, mostrei-lhe compreensão.

— Contudo o que tem acontecido, és bem-vindo na nossa humilde casa. Não é uma luxuosa mansão, mas se algum dia, quiseres regressar ou visitar, terás um quarto para ti.

— Tenho saudades de nós miúdos — disse ele, em gargalhadas, como se estivesse a recordar cada momento mais louco que tivemos.

Eu queria implementar a semente do nosso beijo na conversa, para observar a sua reação, mas não o fiz. Foi algo que aconteceu há tanto tempo. Era provável que se esquecera, assim como eu deveria ter feito.

— Porquê a distância? — Eu não consegui evitar perguntar.

— Os meus dias aqui tornaram-se preenchidos, lutei para conseguir a minha bolsa de estudos e depois, por fim, mudei-me novamente. Eu não tenho um local específico ao qual posso chamar casa, percebes? Talvez, não compreendas agora, és muito nova.

Tomei aquele comentário como um insulto. O meu rosto tornou-se frio, duro e seco. Talvez estivesse a ser dramática, mas ele não me conhecia e deu para notar que se apercebeu que levei a mal o comentário.

— Desculpa, eu às vezes digo coisas sem pensar. É claro que a tua vida também não é fácil.

— Há uma diferença entre nós. Tu vives o teu futuro e eu permaneço no passado. Eu não sei o que fazer da minha vida. A Universidade não parece uma opção para mim, talvez passe o resto dos meus dias num supermercado ou em outro emprego sem grande futuro.

Ele apertou os braços contra o peito e olhou muito seriamente para mim:

— O teu destino depende só de ti, não esperes que ninguém decida. Se queres ser médica, força. Se queres ser professora, força. Aprendi que nada